

Alina Villalva (2008)

Morfologia do Português. Lisboa: Universidade Aberta

O Léxico do Português

The logo for Dicemto, featuring a stylized, calligraphic letter 'D' in a light grey color, followed by the word 'icemto' in a simple, lowercase sans-serif font.



A identificação do conjunto de palavras que constitui o léxico de uma língua é uma tarefa difícil de cumprir. Num livro intitulado *Catalogue des Idées Reçues sur la Langue*, Marina Yaguello (1988: 87) afirma o seguinte¹:

Les mots de la langue constituent (...) un ensemble aux contours incertains. On ne peut pas dénombrer les mots d'une langue. Tout au plus peut-on donner un ordre d'idée. La diversité des registres, l'abondance des argots et jargons spécialisés, le fait que certains mots tombent en désuétude tandis que de nouveaux mots sont créés tous les jours rendent tout décompte arbitraire.

É certo que para a maioria das línguas conhecidas existem dicionários, vocabulários e outros inventários de palavras, que recobrem partes mais ou menos extensas do léxico², mas também é sabido que nenhum destes objectos é exaustivo e que a informação que facultam é seleccionada pelos seus autores e é frequentemente assistemática, variando de entrada a entrada. É, pois, difícil alcançar uma caracterização global do léxico de uma língua a partir da consulta deste tipo de objectos, devendo o conhecimento do léxico em extensão dar lugar a um conhecimento qualitativo. Mais do que a enumeração das palavras que o compõem, a caracterização do léxico exige o reconhecimento das suas principais propriedades históricas e sincrónicas, o que constitui o objecto de estudo da lexicologia. Vejamos, então, como se apresenta o léxico do Português.

No presente capítulo começaremos por fazer uma breve descrição da evolução do léxico do Português, para, em seguida, identificar alguns dos fenómenos de perdas e ganhos no léxico desta língua, apresentando conceitos como **neologismo** e **arcaísmo**. Dado que os capítulos seguintes se dedicam exclusivamente às questões morfológicas, veremos aqui que também existem **recursos não-morfológicos de formação de palavras**, sendo o empréstimo um dos mais relevantes.

Existem muitas espécies de **dicionários**, que variam em função da cobertura que oferecem e do tipo de informação que disponibilizam. Quando se fala em dicionários, pensa-se quase sempre em dicionários monolíngues, que registam o léxico geral de uma língua e veiculam uma informação gramatical sumária e paráfrases das diversas significações. De fora ficam, em geral, arcaísmos, dialectalismos e neologismos, ou seja, palavras consideradas como desvios à norma. Usos particulares podem, no entanto, recorrer a dicionários de outros tipos, como os dicionários plurilíngues, os dicionários inversos ou dicionários especializados, como os etimológicos ou os dicionários técnicos dedicados a uma dada língua de especialidade.

A vulgarização dos chamados dicionários electrónicos tem vindo a tornar possível a concentração de informação num único objecto, o que constituía um obstáculo inultrapassável para os dicionários apresentados em suporte-papel.

2.1 Herança Latina, Substratos e Superstratos

Tal como a própria língua, o léxico do Português está ancorado no léxico latino e, em particular, no léxico do Latim falado no noroeste da Península Ibérica

durante a vigência do Império Romano³, que, segundo Piel (1976), se começa a diferenciar do Latim falado noutras regiões por volta do século V d.C. Nem as línguas faladas nesta região antes da ocupação romana conseguiram subsistir à colonização linguística latina, nem as línguas dos posteriores ocupantes foram capazes de suplantá-la. Palavras como as de (1) exemplificam a monumental herança lexical latina e permitem observar algumas das alterações fonéticas que acompanharam a passagem do Latim ao Português:

(1)	<i>CAPILLUM</i>	>	<i>cabelo</i>
	<i>CLAMARE</i>	>	<i>chamar</i>
	<i>DOLORE</i>	>	<i>dor</i>
	<i>FILIUM</i>	>	<i>filho</i>
	<i>LACTE</i>	>	<i>leite</i>
	<i>LUNA</i>	>	<i>lua</i>
	<i>PLACERE</i>	>	<i>prazer</i>
	<i>REGINA</i>	>	<i>rainha</i>

Há, no entanto, alguns vestígios das línguas pré-romanas existentes na Península Ibérica até ao século II a.C., habitualmente designadas por **substratos**: Castro (1991) refere as palavras *camurça*, *esquerdo* e *chaparro*, como exemplos dos substratos mediterrânico, proto-basco e ibero, respectivamente. Os **superstratos**, ou seja, as línguas faladas pelos ocupantes da Península Ibérica findo o domínio romano, também deixaram vestígios no Português⁴. Segundo Castro (1991: 151), as palavras registadas em (2) constituem verdadeiras formas de superstrato germânico na Península Ibérica, dado que não ocorrem fora deste território:

(2)	<i>GASALJA</i>	companheiro	>	<i>agasalhar</i>
	<i>SPITUS</i>	espeto	>	<i>espeto</i>
	<i>GANS</i>	ganso	>	<i>ganso</i>
	<i>LOFA</i>	palma da mão	>	<i>luva</i>
	<i>RAUBA</i>	despojos tomados ao inimigo	>	<i>roupa</i>

Os vestígios lexicais do superstrato árabe são mais abundantes. Os exemplos seguintes mostram que estes empréstimos incorporam frequentemente um determinante com a forma *al-* (cf. 3a) ou esta mesma forma modificada por assimilações fonéticas desencadeadas pela palavra que precede, ocorridas na língua de origem (cf. 3b, 3c e 3d), ou outros tipos de alteração fonética (cf. 3f e 3g):

(3)	a.	<i>AL-QATIFA</i>	>	<i>alcatifa</i>
		<i>AL-QUFFA</i>	>	<i>alcofa</i>
	b.	<i>AR-RUZZ</i>	>	<i>arroz</i>
		<i>AR-RABAD</i>	>	<i>arrabalde</i>
	c.	<i>AS-SUTEYHA</i>	>	<i>açoteia</i>
		<i>AS-SUKKAR</i>	>	<i>açúcar</i>
	d.	<i>AT-TUNN</i>	>	<i>atum</i>
	e.	<i>AL-MAHAZÉN</i>	>	<i>armazém</i>
		<i>AL-GULLA</i>	>	<i>argola</i>
	f.	<i>AD-DAYHA</i>	>	<i>aldeia</i>



Os arabismos que não são precedidos pelo determinante são menos numerosos e podem ter sido integrados no Português de um modo diferente dos anteriores, nomeadamente em fase posterior ou por intermédio de uma terceira língua⁵.

(4)	a.	HANBAR	1256	>	<i>âmbar</i> ⁶
		WA XÁ,LLÁH	e queira Deus, 1495	>	<i>oxalá</i>
		XARÁB	<i>bebida, poção, séc. xiii</i>	>	<i>xarope</i>
b.	MISKIN	pobre, infeliz, do Castelhana	>	<i>mesquinho</i>	
	HAXXÍXÍN	consumidor de haxixe, do Italiano	>	<i>assassino</i>	
	SUFFA	<i>esteira; coxim, do Francês</i>	>	<i>sofá</i>	

Cronologicamente, segue-se a constituição do Português como língua, facto localizável entre o século IX e o século XIII⁷. Mas a caracterização histórica do seu léxico não termina aqui. Dos contactos com outras línguas, ao sabor de alianças políticas, lutas pela preservação das fronteiras e da nacionalidade, ou desejos de conquista do mundo, surgem novas palavras a que se dá o nome geral de empréstimos e nomes particulares determinados pela designação na língua de origem⁸.

□ **A etimologia** é uma disciplina que procura informação acerca da história das palavras, até encontrar o seu étimo, que é a forma mais antiga da palavra, de que há conhecimento.

O confronto da palavra com o seu étimo mostra, por vezes, alterações que não são meramente linguísticas. O nome de alguns meses do ano, por exemplo, preserva a memória de calendários já abandonados: é o caso de *Setembro*, o sétimo mês do ano romano, *Outubro*, o oitavo, *Novembro*, o nono e *Dezembro*, o décimo. Noutros casos, a distância fonética entre o étimo e a forma contemporânea só se compreende à luz de uma qualquer reinterpretação. Esse pode ser o caso de *alfinete*, proveniente do Árabe *AL-HILÁL*, mas talvez contaminado pela forma de *fino*, que é uma das suas propriedades (note-se que em Castelhana a forma cognata é *alfiler*).

Etimologia popular é o nome dado a hipóteses etimológicas fantasiosas, geralmente associadas a uma história curiosa e plausível, mas que não encontra confirmação na observação dos dados conhecidos. É o que se verifica, por exemplo, com a filiação do adjectivo *sincero* na expressão *SINE CERA* ('sem cera'), que aludiria a um episódio sobre a qualidade de vasos em cera. Esta hipótese não é confirmada por etimologistas respeitados como Ernout e Meillet, autores de um dicionário etimológico do Latim.

2.2 A Neologia

As palavras que não fazem parte do léxico de uma língua desde a sua fundação como língua são ou foram neologismos. Neologismos são, pois, palavras que, num dado momento da existência de uma língua são consideradas palavras novas, como telemóvel, cujo aparecimento no final do século xx motivou a integração da palavra no léxico do Português.

É fácil constatar que muitas das palavras que integram o léxico de uma língua foram, no passado, neologismos – basta olhar para a data da sua primeira atestação. Veja-se, por exemplo, a definição de Cunha (1996) para a palavra *penicilina*:

(5) ***penicilina***

Substância formada no crescimento de certos fungos, com acentuada ação antibiótica, descoberta pelo inglês A. Fleming, em 1928, e obtida em 1941, pelo australiano Howard Florey e pelo alemão Ernst Chain. XX. Do lat. cient. penicillina, do nome científico do fungo Penicillium notatum.

O aparecimento da palavra não pode ser anterior ao aparecimento da substância que ela refere. Com efeito, o *Dicionário Houaiss* data a palavra de 1929, filiando-a na palavra inglesa *penicillin*, por sua vez formada a partir do radical latino PENICILL(IUM) e –in, um sufixo semelhante ao sufixo português –ina, responsável pela formação de nomes como propriedade de substância (cf. *acromatina, dextrina*), ou como efeito da substância (cf. *morfina, ocitonina, narcotina, pepsina*).

Alguns dicionários registam justamente a data da primeira atestação de palavras que, nesse momento, eram neologismos. É o que se verifica no *Oxford English Dictionary*, que indica a primeira ocorrência das palavras, como se exemplifica em (6). O *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, de Cunha (1996), atribui às palavras portuguesas equivalentes datações bastante diferentes. Isto não significa que estas palavras tenham entrado no léxico do Português muito mais tarde do que os seus equivalentes ingleses no léxico do Inglês, mas indicia a fragilidade da lexicografia portuguesa⁹. Com efeito, as datas que ocorrem não referem necessariamente o documento que encerra a primeira atestação da palavra, embora tal possa suceder, mas, mais frequentemente, a data do primeiro registo lexicográfico da palavra¹⁰.

OED		Cunha (1996)		Houaiss (2001)	
<i>temperature</i>	1531	<i>temperatura</i>	1813	<i>temperatura</i>	1813
<i>logarithm</i>	1615	<i>logaritmo</i>	1813	<i>logaritmo</i>	1676
<i>neurosis</i>	1776	<i>neurose</i>	1899	<i>neurose</i>	1899
<i>oxygen</i>	1790	<i>oxigénio</i>	XIX	<i>oxigénio</i>	1836
<i>metabolism</i>	1878	<i>metabolismo</i>	1899	<i>metabolismo</i>	1877
<i>genetics</i>	1901	<i>genética</i>	XX	<i>genética</i>	1939

Independentemente do momento em que surgem, os neologismos devem ser analisados quanto à sua génese. Não existe uma só maneira de gerar neologismos, existem diversas: alguns neologismos são palavras inventadas ou criadas, de forma mais ou menos aleatória, a partir de palavras já existentes, outros são palavras introduzidas na língua por empréstimo a outras línguas e outros ainda são palavras formadas a partir dos recursos morfológicos disponíveis na língua. A criação de neologismos encontra na morfologia uma potente ferramenta, que tem como fortes aliados a sistematicidade e previsibilidade, mas não se esgota aí.

2.4 Os Empréstimos

A introdução de palavras de uma língua de origem numa língua-alvo é um processo antigo e frequentemente atestado. A recepção destas palavras estrangeiras é que nem sempre é idêntica. Não é raro encontrar gramáticos e falantes que criticam ou rejeitam o uso de palavras não-vernáculas, tendo até termos como estrangeirismo, decalque ou galicismo uma certa conotação pejorativa¹⁶. Assim se explica que o uso de uma palavra como *detalhe* (do Francês *détail*) ou *gafe* (do Francês *gaffe*) seja desaconselhado por puristas, que recomendam, em sua substituição, *pormenor* e *deslize*, respectivamente. Por vezes, a introdução de empréstimos suscita mesmo polémica, dado que se trata de um processo relacionado com a história social da comunidade linguística que os veicula e daquela que os acolhe. Veja-se, por exemplo, como o seu uso é irónico na letra de uma canção de José Afonso, intitulada *Década de Salomé*. O conjunto de estrangeirismos identificáveis na transcrição seguinte não é um conjunto homogêneo: algumas destas formas integram pacificamente o léxico do Português (cf. *bidé*, do Francês *bidet*, e *bricolage*, que também é uma palavra de origem francesa), ainda que a forma gráfica mais consensual nem sempre seja aquela que aí se apresenta (cf. *trousses*, que também é um galicismo, e *champon*, anglicismo de origem Hindu). Outras são um pouco estranhas, mas ainda assim reconhecíveis (cf. *bi-camion*, de novo um galicismo) e o terceiro conjunto é formado por palavras que caricaturam o dialecto dos emigrantes portugueses em França (cf. *mariage*, termo francês sinónimo de *casamento*; *maison*, palavra francesa que pode ser traduzida por *casa*; e *patron*, que é uma palavra francesa cognata de *patrão*).

- (38) *Vai terminar esta prosa
estamos na década de Salomé
será o apocalipse ou a torneira
a pingar no **bidé**?
É meio-dia, dia de feira
mensal em Vila Nogueira
Estamos na década do **bricolage**
Diz um jornal que um emigra
morreu afogado em Mira
antes da data
do **mariage**
Estamos na Europa
Civilizada
já cá faltava
uma **maison**
Pour la **Patrie**
plo Volkswagen
acabou-se a forragem
Viva o **Patron**!
Já tem destino esta terra
vamos mudar para o marché aux puces
o tempo das cereilas está no fio
agora só de **trousses**
Saem quarenta mil ovos moles
Vilar Formoso
é logo ali
Faz-se um enxerto*



com mijo de gato
sola de sapato
voilà Paris!
Aos grandes Super-Mercados
*chega a cultura num **bi-camion***
Camões e Eça vendem-se enlatados
*lavados com "**champon**"*
A fina flor do entulho
largou o pêlo ganhou verniz
Será o Christian Dior o manageiro
a mandar no País?
Estamos na Europa
do "estou-me nas tintas"
Nada de colectivismos
Chacun por si, meu
e chacun por soi

A ocorrência de empréstimos é, no entanto, um fenómeno incontornável e muitas vezes difícil de evitar, dada a inexistência de léxico autóctone com idêntico valor referencial¹⁷. A sua introdução pode ocorrer por via directa ou pode ser mediada por uma outra língua; e pode ser objecto de (maior ou menor) conformação fonética e morfológica ao Português tomando como base a realização fonética da palavra na língua de origem ou a sua forma gráfica. Os empréstimos que transitam directamente são empréstimos directos, como os seguintes:

- (39) Castelhana: *mantilla* Português: *mantilha*
 Francês: *fantoche* Português: *fantoche*

Os que são introduzidos na língua de chegada por intermédio de uma outra língua são empréstimos indirectos. É o que se verifica nos seguintes casos:

- (40) Grego: *pharmakéia* Latim: *pharmacia* Português: *farmácia*
 Germânico: *garten* Francês: *jardin* Português: *jardim*
 Germânico: *werra* Francês: *guerre* Português: *guerra*
 Neerlandês: **aenmarren* Francês: *amarrer* Português: *amarrar*
 Neerlandês: *bakboord* Francês: *bâbord* Português: *bombordo*

Note-se que a conformação dos empréstimos às propriedades morfológicas e fonológicas do Português e, conseqüentemente, a sua realização fonética e o modo como são grafados, não são sistemáticas. Verificam-se hesitações tão mais frequentes quanto mais recente for a introdução do empréstimo, relacionadas com o facto de a adaptação poder privilegiar a sonoridade da palavra de origem (alterando-se a grafia na forma de chegada) ou a sua forma gráfica (alterando-se a pronúncia e fazendo apenas alguns ajustes na grafia da forma de chegada):

- (41) a. Inglês - *lunch* > *lanche*
 Inglês - *beef* > *bife*

- | | | | |
|----|----------------------------|---|---------------|
| | Francês - <i>chauffeur</i> | > | <i>chofer</i> |
| | Francês - <i>haut-bois</i> | > | <i>oboé</i> |
| b. | Inglês - <i>club</i> | > | <i>clube</i> |

As propriedades gramaticais das palavras, nomeadamente o género dos nomes, também podem ser modificadas. É frequente que o género atribuído a um empréstimo seja o masculino, mesmo que na língua de origem essas palavras tivessem género feminino (cf. 46a), mas também se regista o caso inverso (cf. 46b):

- | | | | | |
|------|----|--------------------------------|---|--------------------|
| (42) | a. | Francês - <i>une robe</i> | > | <i>um robe</i> |
| | | Francês - <i>une enveloppe</i> | > | <i>um envelope</i> |
| | b. | Francês - <i>le courage</i> | > | <i>a coragem</i> |

Vejam agora que origens têm os empréstimos existentes no Português. O uso do Latim na liturgia, no ensino, na diplomacia e na ciência constituiu, durante séculos, um factor de contacto entre estas duas línguas. Por esta razão, e ainda porque a matriz estético-ideológica o propiciava, o recurso ao Latim para a adopção de novas palavras, os chamados **latinismos**, particularmente durante o Renascimento¹⁸ é muito visível no léxico do Português. Esta estratégia é responsável pela ocorrência de palavras cuja forma não é muito distinta da do seu étimo latino e pela modificação na forma de palavras já anteriormente presentes no léxico do Português:

- | | | | | | | |
|------|----|-------------------|-----------|-------------------|---|--------------------|
| (43) | a. | <i>aluno</i> | < | <i>ALUMNU-</i> | | |
| | | <i>aplauso</i> | < | <i>APPLAUSU-</i> | | |
| | | <i>infinito</i> | < | <i>INFINITU-</i> | | |
| | | <i>reduzir</i> | < | <i>REDUCERE</i> | | |
| | | <i>vicioso</i> | < | <i>VITIOSU-</i> | | |
| | b. | <i>ocupar</i> | substitui | <i>acupar</i> | < | <i>OCCUPARE</i> |
| | | <i>adversário</i> | substitui | <i>adversairo</i> | < | <i>ADVERSARIU-</i> |
| | | <i>adquirir</i> | substitui | <i>aqurir</i> | < | <i>ADQUÍRÈRE</i> |
| | | <i>abundar</i> | substitui | <i>avondar</i> | < | <i>ABÚNDÁRE</i> |
| | | <i>digno</i> | substitui | <i>dino</i> | < | <i>DIGNU-</i> |
| | | <i>elefante</i> | substitui | <i>alifante</i> | < | <i>ELEPHANT-</i> |

Este processo de relatinização do léxico do Português é ainda responsável pelo aparecimento das chamadas **palavras divergentes**, ou seja, de palavras que têm o mesmo étimo, mas uma realização fonética e um conteúdo semântico diferentes. Os exemplos seguintes mostram formas que transitaram do Latim para o Português, *ab initio*, sujeitando-se a todos os efeitos da mudança linguística que caracterizaram este processo, e as palavras cognatas tomadas de empréstimo ao Latim depois de terminado esse período de transição¹⁹:

- | | | | | |
|------|------------------|---|---|---------------------------|
| (44) | <i>CATHEDRA-</i> | ↙ | ▶ | <i>cadeira</i> (952) |
| | | | ▶ | <i>cátedra</i> (séc. XIV) |
| | <i>DIRECTU-</i> | ↙ | ▶ | <i>direito</i> (1277) |
| | | | ▶ | <i>directo</i> (1836) |
| | <i>INTEGRU-</i> | ↙ | ▶ | <i>inteiro</i> (1093) |
| | | | ▶ | <i>íntegro</i> (séc. XIV) |



MAGICU -	↵	▶	<i>meigo</i> (1175)
		▶	<i>mágico</i> (séc. XIV)
OCULU -	↵	▶	<i>olho</i> (séc. XIII)
		▶	<i>óculo</i> (1649-1666)
PLANU- ²⁰	↵	▶	<i>chão</i> (1264)
		▶	<i>plano</i> (séc. XIV)
PLENU-	↵	▶	<i>cheio</i> (séc. XIII)
		▶	<i>pleno</i> (1708)

□ Encontra-se frequentemente uma classificação das formas divergentes que caracteriza a sua entrada no Português como tendo ocorrido por **via popular** ou por **via erudita**. Esta caracterização pode induzir em erro. Na verdade, o que ela pretende captar são localizações temporais distintas: as palavras que entram na língua por via popular são as palavras que fazem parte do léxico do Português desde a formação desta língua, ou antes do Renascimento, *grosso modo* até ao século XIII; as palavras que se considera terem entrado por via erudita são empréstimos tomados ao Latim a partir do Renascimento.

O recurso ao léxico do Latim continua a estar disponível, em particular na formação de compostos pertencentes a terminologias científicas e técnicas, como *fratricida* ou *piscicultura*. Mais frequente, neste domínio, é, porém, o recurso ao léxico do Grego Antigo, com empréstimos que recebem o nome de **helenismos**:

(45) *dentalgia*
electrotecnia
ergonomia
fotografia
hidrocefalia
idolatria
sociometria
teleologia

As línguas antigas não são, porém, a única fonte a que o Português tem recorrido para a importação de palavras. Os exemplos seguintes mostram empréstimos de diversas proveniências, introduzidos no Português em diversos momentos da sua história e aqui apresentados por ordem cronológica considerando as atestações de Houaiss (nos casos em que a sua atestação é conhecida):

(46) a. **Castelhanismos**²¹

<i>chiste</i>	1543	<i>chiste</i>
<i>airoso</i>	1552	<i>airoso</i> (de <i>aire</i> ‘ar’)
<i>moreno</i>	1561	<i>moreno</i> (de <i>moro</i> ‘mouro’)
<i>neblina</i>	1660	<i>neblina</i>
<i>palito</i>	1720	<i>palito</i> (de <i>palo</i> ‘pau’)
<i>lantejoula</i>	1789	<i>lentejuela</i>
<i>guerilha</i>	1836	<i>guerrilla</i>
<i>bandarilha</i>	1871	<i>banderilla</i> (de <i>bandera</i> ‘bandeira’)
<i>cabecilha</i>	1881	<i>cabecilha</i>
<i>boina</i>	1899	<i>boina</i>



cavalheiro

caballero (de *caballo* ‘cavalo’)

b. **Provençalismos e Galicismos**

<i>abandonar</i>	XIII	<i>abandonner</i> (de <i>bandon</i> ‘poder’)
<i>dama</i>	XIII	<i>dame</i>
<i>jóia</i>	XIII	<i>joyau</i>
<i>monge</i>	XIII	<i>monge</i>
<i>franja</i>	1507	<i>frange</i>
<i>chefe</i>	1545	<i>chef</i>
<i>bilhete</i>	1611	<i>billet</i> (de <i>bille</i> ‘bola’)
<i>comboio</i>	1654	<i>convoi</i> (de <i>convoyer</i> ‘ir pela estrada’)
<i>crêpe</i>	1704	<i>crêpe</i>
<i>terrina</i>	1764	<i>terrine de terre</i>
<i>blusa</i>	1871	<i>blouse</i>
<i>croquete</i>	1871	<i>croquette</i> (de <i>croquer</i> ‘estalar’)
<i>fétiche</i>	1873	<i>fétiche</i>
<i>governamental</i>	1881	<i>gouvernemental</i> (de <i>gouvernement</i>)
<i>montra</i>	1899	<i>montre</i> (de <i>montrer</i> ‘mostrar’)
<i>soutien</i>	XX	<i>soutiens-gorge</i>
<i>lingerie</i>	1931	<i>lingerie</i>
<i>tailleur</i>	1933	<i>tailleur</i>
<i>envelope</i>	1938	<i>enveloppe</i> (de <i>envelopper</i> ‘envolver’)
<i>palmier</i>	1938	<i>palmier</i>
<i>maquilhar</i>	1941	<i>maquiller</i> ‘pintar (o rosto)’
<i>liseuse</i>	1949	<i>liseuse</i>
<i>boîte</i>	1961	<i>boîte</i>
<i>croissant</i>		<i>croissant</i>
<i>filete</i>		<i>filet</i> (de <i>fil</i> ‘fio’)
<i>réveillon</i>		<i>réveillon</i>

c. **Italianismos**

<i>balcão</i>	1360	<i>balcone</i>
<i>tenor</i>	XV	<i>tenore</i>
<i>piloto</i>	1438	<i>piloto</i>
<i>fachada</i>	1548	<i>facciata</i> (de <i>faccia</i> ‘face’)
<i>grotesco</i>	1548	<i>grottesco</i> (de <i>grotte</i>)
<i>contralto</i>	1573	<i>contralto</i>
<i>sentinela</i>	1571	<i>sentinella</i>
<i>soneto</i>	1587	<i>sonetto</i> (de <i>son</i> ‘som’)
<i>aguarela</i>	1615	<i>acquarella</i>
<i>charlatão</i>	1643	<i>ciarlatano</i> (de <i>ciarlare</i> ‘falar’)
<i>ópera</i>	1698	<i>opera</i> ‘obra’
<i>bússola</i>	1712	<i>bussola</i>
<i>terceto</i>	1789	<i>terzetto</i>
<i>atitude</i>	1817	<i>attitudine</i>
<i>pitoresco</i>	1833	<i>pittoresco</i> ‘relativo a pintor’
<i>piano</i>	1858	<i>pianoforte</i>
<i>violoncelo</i>	1858	<i>violoncello</i>
<i>fiasco</i>	1872	<i>fiasco</i> ‘frasco de vidro’
<i>pizzaria</i>	XX	<i>pizzeria</i>



d. **Empréstimos provenientes de línguas africanas**

<i>banana</i>		de uma língua falada na Guiné
<i>berimbau</i>		do Quimbundo, língua falada em Angola
<i>cacimba</i>		do Quimbundo
<i>carimbo</i>		do Quimbundo
<i>cubata</i>		do Quimbundo
<i>samba</i>		do Quimbundo
<i>senzala</i>		do Quimbundo
<i>zumbi</i>		do Quimbundo

e. **Empréstimos provenientes de línguas ameríndias**

<i>canoa</i>	1533	do Aruaque, língua falada entre as bacias do Amazonas e do Oiapoque
<i>chocolate</i>	1726	do Náuatle, língua falada no México
<i>tomate</i>	1721	do Náuatle
<i>cacau</i>	1675	do Náuatle
<i>xicara</i>	1706	do Náuatle
<i>alpaca</i>	1836	do Quíchua, língua falada na Argentina, Bolívia, Equador e Peru
<i>condor</i>	1727	do Quíchua
<i>amendoim</i>	1618	do Tupi, língua falada no Brasil
<i>mandioca</i>	1549	do Tupi
<i>tapioca</i>	1587	do Tupi

f. **Empréstimos provenientes de línguas asiáticas**

<i>leque</i>	1600	do Chinês
<i>bengala</i>	1543	do Hindu
<i>haraquiri</i>	1874	do Japonês
<i>quimono</i>	1897	do Japonês
<i>chá</i>	1565	do Mandarim
<i>pagode</i>	1516	do Malaio
<i>bule</i>	1649	do Malaio
<i>chávena</i>	1649	do Malaio
<i>ketchup</i>	XX	do Malaio
<i>xaile</i>	1789	do Persa

Por último, mas apenas por se tratar do tipo mais relevante na actual sincronia do Português, chegou a vez de falar dos empréstimos com origem no Inglês, aos quais se dá geralmente o nome de **anglicismos**:

(47)	<i>este</i>	XV	<i>est</i>
	<i>oeste</i>	XV	<i>west</i>
	<i>bolina</i>	1416	<i>bou(e)line</i>
	<i>pudim</i>	1799	<i>pudding</i>
	<i>bife</i>	1836	<i>beef</i>
	<i>lanche</i>	1858	<i>lunch</i>
	<i>bluff</i>	1899	<i>bluff</i>
	<i>futebol</i>	1889	<i>football</i>
	<i>líder</i>	1900	<i>leader</i>
	<i>golo</i>	1904	<i>goal</i>
	<i>flirt</i>	1909	<i>flirt</i>
	<i>craque</i>	1913	<i>crack</i>



<i>check-up</i>	1921	<i>checkup</i>
<i>marketing</i>	1960	<i>marketing</i>
<i>andebol</i>	XX	<i>handball</i>
<i>know how</i>	XX	<i>know-how</i>
<i>lobby</i>	XX	<i>lobby</i>
<i>must</i>	XX	<i>must</i>
<i>penalti</i>	XX	<i>penalty</i>

A prevalência de anglicismos, que não se verifica apenas no Português e muito menos ainda apenas no Português Europeu, é satirizada por Zeca Baleiro e Zeca Pagodinho, no *Samba do Approach*:

- (48) *Venha provar meu **brunch**
Saiba que eu tenho **approach**
Na hora do **lunch**
Eu ando de **ferry-boat**
Eu tenho **savoir-faire**
Meu temperamento é **light**
Minha casa é **high-tec**
Toda hora rola um **insight**
Já fui **fã** do Jethro Tull
Hoje me amarro no **Slash**
Minha vida agora é **cool**
Meu passado é que foi **trash**

Venha provar meu **brunch**
Saiba que eu tenho **approach**
Na hora do **lunch**
Eu ando de **ferry-boat**
Fica ligado no **link**
Que eu vou confessar, **my love**
Depois do décimo **drink**
Só um bom e velho Engov²²
Eu tirei o meu **green card**
E fui para Miami Beach
Posso não ser **pop star**
Mas já sou um **nouveau riche**

Eu tenho **sex appeal**
Saca só meu **background**
Veloz como Daemon Hill
Tenaz como Fitipaldi
Não dispense um **happy end**
Quero jogar no **dream team**
De dia um **macho man**
E de noite **drag queen***

2.5 Sobre Arcaísmos e Dialectalismos

O léxico de uma língua é uma entidade dinâmica, sensível à passagem do tempo e ao efeito das circunstâncias, e de contornos variáveis em resultado de processos de perdas e ganhos das unidades que o constituem. **Arcaísmos** são as

palavras que, num dado momento da história de uma língua, deixaram de ser utilizadas pela comunidade linguística falante dessa língua. Trata-se de palavras que já fizeram parte activa do léxico da língua, mas que, por variadas razões, caíram em desuso. É o que se verifica nos seguintes casos:

- (49) *antanho* _{ADV} = no ano passado
coita _{N[+fem]} = dor, desgosto
fiúza _{N[+fem]} = confiança, fé
igualdança _{N[+fem]} = igualdade
luscar _V = brincar, jogar, divertir-se
velido _{ADJ} = belo

Geralmente também são excluídas as palavras cujo uso só é frequente em dialectos ou em sociolectos não prestigiados. Quando registadas, estas palavras são referidas como dialectalismos ou provincianismos. Em relação ao dialecto de Lisboa, integram esta categoria palavras como:

- (50) *caço* = concha de sopa
carapins = sapatinhos de dormir, botinhas de bebé
ervilhana = amendoim
liteiro = coberta de trapo
porca-sara = bicho de conta
saltarico = gafanhoto
xerém = papas de milho

